

RESUMO: Os estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa, desenvolvidos com maior visibilidade nos últimos anos, evidenciam que a tríade mundo, sujeito e palavra constitui uma estrutura de sentidos. Os poetas portugueses contemporâneos, vozes em geral pouco conhecidas no Brasil, têm apresentado na matéria-emoção poética uma leitura/escrita de mundo que delinea geografias não limitadas a descrever espaços, mas a configurar o ambiente urbano circundante e a emitir posicionamentos e questionamentos sobre a relação estabelecida entre o espaço físico/social (território geográfico/simbólico) e o sujeito. As obras poéticas de Golgona Anghel, Manuel de Freitas e Pedro Mexia, poetas contemporâneos radicados em Lisboa, apresentam paisagens da cidade portuguesa e refletem, em discursos distópicos, as condições urbanas, expondo questões similares e próprias ao mundo e ao tempo contemporâneo. O estudo em diálogo dessas vozes portuguesas proporciona uma compreensão sobre o lirismo contemporâneo em Portugal, predominantemente atento à vida urbana e às tensões econômicas, existenciais, políticas e sociais que permeiam o mundo, a sociedade e a cultura contemporânea ocidental do século XXI. Utilizando a perspectiva fenomenológica dos estudos de paisagem, no âmbito de uma geografia literária, sobretudo orientada pela abordagem de Michel Collot, importante pensador da poesia moderna e contemporânea, o trabalho visa examinar o contexto em que os poetas se inserem, alguns de seus poemas e as principais marcas de suas linguagens poéticas. Palavras-chave: Literatura portuguesa; Poesia portuguesa contemporânea; Representações da cidade; Discursos distópicos; Lisboa.

ABSTRACT: Landscape studies in Portuguese language literature, developed with greater visibility in recent years, show that the triad world, subject and word constitutes a structure of meanings. Contemporary Portuguese poets, voices in general little known in Brazil, have presented in the poetic matter-emotion a reading/writing of the world that delineates geographies not limited to describing spaces, but to configuring the surrounding urban environment and issuing positions and questions about the relationship established between the physical/social space (geographic/symbolic territory) and the subject. The poetic works of Golgona Anghel, Manuel de Freitas and Pedro Mexia, contemporary poets living in Lisbon, present landscapes of the Portuguese city and reflect, in dystopian discourses, urban conditions, exposing similar issues that are specific to the contemporary world and time. The study of these Portuguese voices in dialogue provides an understanding of contemporary lyricism in Portugal, predominantly attentive to urban life and the economic, existential, political and social tensions that permeate the world, society and contemporary western culture of the 21st century. Using the phenomenological perspective of landscape studies,

¹ Mestranda em Literatura Portuguesa no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF/CAPES) sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ida Alves. Graduada em Letras – Português e Literaturas na mesma instituição, onde participou, na vigência 2020 – 2021, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC – UFF/CNPq) sob orientação da mesma professora. Integrante do grupo de pesquisa Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa. Pesquisa a figuração da paisagem urbana na poesia portuguesa contemporânea, com ênfase em obras poéticas que integram as duas primeiras décadas do século XXI.

within the scope of a literary geography, mainly guided by the approach of Michel Collot, an important thinker of modern and contemporary poetry, the work aims to examine the context in which the poets are inserted, some of their poems and the main marks of his poetic languages.

Keywords: Portuguese Literature; Contemporary Portuguese poetry; Representations of the city; Dystopian speeches; Lisbon.

Octavio Paz, ensaísta e poeta, afirma que “o tempo é portador da mudança” (1984, p. 27). Grosso modo, o século XIX emergiu em consonância com o advento do capitalismo, sistema econômico que priorizou a procura por lucros e a acumulação de capital; o século XX propiciou o início do processo de globalização e dos avanços tecnológicos; o século XXI, por sua vez, conciliou com a revolução digital. A passagem dos séculos favorece surgimentos e modificações nos âmbitos econômicos, existenciais, políticos e sociais. O poeta, inserido no mundo ocidental, acompanha, em sua época, o relacionamento e a afetação mútua entre ambiente objetivo e ambiente subjetivo, corporificando na matéria poética as experiências e vivências decorrentes dessa interação, construindo, por meio de sua percepção, uma paisagem sobre determinado recorte espacial.

Não é de hoje que a cidade de Lisboa aparece representada na poesia portuguesa. No século XIX, Cesário Verde, poeta de inquestionável expressão literária, apresentou o cenário urbano lisboeta ao escrever *Sentimento dum Ocidental*, poema que evidencia uma sensibilidade para com a realidade cotidiana. Como afirmou em carta endereçada a seu amigo e editor Silva Pinto, “Eu não sou como muitos que estão no meio de um grande ajuntamento de gente e completamente isolados e abstratos. A mim o que me rodeia é o que me preocupa” (2006, p. 178). Dessa forma, em seu renomado poema, recompõe, por meio da palavra poética, a Lisboa do seu tempo, permeada por transformações que alteraram o ambiente citadino e o comportamento dos indivíduos: as ruas, iluminadas, possuem exuberantes edificações – casas e hotéis – em suas extremidades; os carros passam a toda velocidade conduzindo os passageiros aos respectivos destinos; os trens seguem em direção à Madrid, Paris, Berlim e S. Petersburgo; uns sorriem, felizes, por terem dinheiro, outros, infelizes, choram pela miséria; os indivíduos focalizam suas atividades diárias e ignoram os “corpos enfezados”. O indiferente aos habitantes da capital, enjoa, incomoda e perturba o poeta. Esse sentimento, que se manifestou em Cesário Verde e em alguns de seus contemporâneos, continuou a apresentar-se nas obras de distintos poetas portugueses, especialmente no decorrer do século XX e início do XXI.

Rosa Maria Martelo, em seu texto intitulado *Alegoria e autenticidade (a propósito de alguma poesia portuguesa recente)*, aponta que “Há actualmente, na poesia portuguesa, uma

linha de escrita que se caracteriza por tematizar o mundo contemporâneo sob um olhar intensamente marcado pela perda” (2008, p. 291). O discurso lírico dos poetas que seguem essa linha de escrita torna-se, então, da segunda metade do século XX à atualidade, mais atento à vida urbana e às tensões múltiplas que permeiam a sociedade ocidental. Deteremos nossa atenção, contudo, em três poetas contemporâneos radicados em Lisboa: Golgona Anghel, Manuel de Freitas e Pedro Mexia.

A poética de Golgona Anghel, Manuel de Freitas e Pedro Mexia: Discursos distópicos² sobre a Lisboa cotidiana

Nelson Brissac, professor doutor da PUC-SP, que trabalha com questões relativas à ligação entre urbanismo e arte, assume que “existem diversas maneiras de falar de uma cidade” (2004, p. 25). Podemos optar por descrever todas as suas características físicas, tal como nos são apresentadas visivelmente, ou compor um quadro local a partir das nossas impressões, o que, com base na teoria da percepção de Michel Collot, equivale ao surgimento da paisagem. Se “mostrar o que se vê faz nascer a paisagem” (2011, p. 81), Golgona Anghel, Manuel de Freitas e Pedro Mexia apresentam, por meio de olhares críticos, irônicos e até mesmo sarcásticos, paisagens urbanas fragmentadas, nas quais a cidade de Lisboa é problematizada, revelando-se um ambiente incômodo marcado por uma sociedade que não compreende os malefícios causados pelo consumismo, desencontro, imediatismo, indiferença e solidão. Em seus poemas, os sujeitos que vão às avenidas, ruas, shoppings, cafés e restaurantes demonstram uma condição urbana e existencial tensa, parecendo fazer parte, ainda, de uma “geração dessatisfeita”, como escreveu Joaquim Manuel Magalhães (1981) sobre a geração poética a que pertenceu, a de 70 do século XX. Já que o “nosso mundo flutua sem direção” (1982, p. 97), como bem afirmou Octavio Paz, resta aos poetas retratarem, em suas matérias-emoções³, o cotidiano caótico na urbe do nosso século. Os fragmentos, selecionados e transcritos a seguir, evidenciam alguns dos discursos distópicos que problematizam a Lisboa do século XXI. Começamos pela Lisboa de Golgona Anghel:

² Ressaltamos que não compreendemos os poemas de Golgona Anghel e Manuel de Freitas como distopias, mas como poemas que apresentam alguns mecanismos e traços recorrentes do gênero, como o ataque a características importantes da modernidade – consumismo, cultura de massa, degradação das relações humanas, materialismo e mecanização. A “distopia continua a fornecer uma retórica que é utilizada com frequência para descrever a sociedade contemporânea, além de oferecer algumas das condições para se pensar as novas configurações sociais, culturais e políticas que surgiram com o triunfo do capitalismo neoliberal nas últimas décadas” (2021, p. 137).

³ O termo “matéria-emoção” é utilizado por Michel Collot no livro *A matéria-emoção* (trad. Bras. 2018) para expressar que a forma e o conteúdo do poema são indissociáveis.

Na sala de leitura da insónia,
quando o carro do lixo é
a única resposta ao silêncio
e cada instante é um amante
que matamos num abrir e fechar de pernas,
acompanho em eco, até a estação,
os passos apressados das empregadas de limpeza.
Para elas, não há inferno. Simplesmente,
evitam sonhar.
Para nós, o autocarro 738 irá sempre ao Calvário,
mesmo se pago o bilhete.

[...]

Escrevo a palavra vazio
Depois da palavra espera.

Pouso as mãos sobre os joelhos cansados.

Limpa
mas mal vestida,
– olhai –
sou o novo modelo para o fracasso.

(ANGHEL, 2011, p. 20-21)

O poema acima evidencia duas características recorrentes nas produções de Golgona Anghel: a ausência de títulos, com destaque do primeiro verso em caixa alta ou negrito, como se o poema estivesse a meio de alguma conversa, e a forte narratividade. Em *Na sala de leitura da insónia* é citado o Largo do Calvário, uma praça bastante movimentada de Lisboa, que os habitantes atravessam cotidianamente e na qual muitos transportes públicos se cruzam. O sujeito lírico acompanha a rotina das pessoas que “evitam sonhar”, tão imersas nas obrigações diárias, em ritmos frenéticos, que não conseguem tempo para aproveitar a vida. Em decorrência disso, o ônibus 738 sempre leva-as ao “Calvário”, praça de Lisboa, mas também, por ironia, ao lugar do sofrimento. O Calvário, desde a história bíblica, representa o martírio, pois como evidenciado em Lucas 23:33, “quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram”. O sujeito lírico também evidencia um esperar, que se revela sempre um vazio, assim como a predominância de discursos que ditam a aparência cotidiana, como explícito na última estrofe.

Em outro poema:

Por detrás dela,
uma imagem de Nossa Senhora das Dores

olhava para mim,
com o peito trespassado de silicones e vestida de Prada.

*Tu não tens vida, tens uma agenda.
Não atendes ao telefone, pedes à secretária.
Não vais ao cinema, tu compras uma produtora.
Nunca te enganas, é um erro do sistema.
Tu não comes, saboreias.
Tu não procuras, encontras.
Tu nem dormes, passas a noite.
Tu não me ouves.*

[...]

Como cheiras a sonhos equivocados!
Como te empacotaram em sedas e adornos
sem perceberem para que ocasiões serves!

(ANGHEL, 2011, p. 36-37)

Por detrás dela apresenta o mesmo tamanho de fonte até o final do poema, mas a segunda estrofe destaca-se entre as demais pelo estilo itálico e pela presença de verbos no presente do indicativo, tempo verbal utilizado para explicitar ações habituais e fatos, marcando outra voz que se ouve. A escolha dos vocábulos “silicones”, “Prada”, “agenda”, “telefone”, “secretária”, “produtora”, “sistema”, “sedas” e “adornos” expressam a relação do sujeito com o seu corpo, com o trabalho, com a sociedade e com o seu consumismo.

Nossa Senhora das Dores, reconhecida como mãe das dores e rainha dos mártires, costuma ser evocada pelos devotos quando os mesmos estão com problemas financeiros ou sendo acometidos por sentimentos como mágoa, sofrimento e tristeza. Num país católico como Portugal, a invocação de Nossa Senhora é um traço religioso previsível, mas, no poema de Golgona Anghel, a santa católica adquire uma imagem diferente. Além de estar “com o peito trespassado de silicones e vestida de Prada” – como um manequim em uma vitrine de grife vestindo o que faz parte do padrão de consumismo do mundo contemporâneo –, não costuma mais ser invocada. A santa é quem, na segunda estrofe, parece dialogar com os indivíduos, tão ocupados com as atividades da rotina cotidiana que não percebem que se tornaram peças de uma engrenagem sem controle. Estes acreditam que podem fazer e comprar tudo o que desejam, alcançando, dessa forma, a plena felicidade. A sociedade foi empacotada em “sedas e adornos” e a única coisa considerada importante é a aparência, a posse de objetos de marca e o dinheiro, questão explícita e problematizada neste outro poema:

OLHE, PRECISO DE DINHEIRO

Preciso de muito dinheiro. Quero abrir um negócio.
Algo meu, sabe como é. Estou farto de patrões.
Não posso passar a minha vida atrás de um balcão.
A levar todas as noites com a baba dos perdidos nas trombas.
Já não tenho paciência.
Com esta idade, já viu o que é.
Sujeitar-se a todos os labregos.
Já tentei noutros bancos, sim.
Pedi também aos meus pais, é verdade;
disse-lhes que era para me casar.
Não, não tenho casa, nem automóvel.
Mas, olhe, posso garantir com o meu corpo.
O meu fígado, senhor, tem que ver o meu fígado.
É fígado de motard. Isto parece encolhido e tal,
mas anda a mil.
E adiantado, não pode pagar nada como entrada?
Entrada, não sei.
Só se for o coração.

(ANGHEL, 2013, p. 38)

O poema *Olhe, preciso de dinheiro*, em estrofe única, evidencia um diálogo, notabilizado pela presença de perguntas – implícitas e subentendidas – e respostas, assim como por marcas linguísticas características da comunicação oral, como “sabe como é”, “já viu”, “tem que ver” e “tal”. Além disso, também apresenta predominância de verbos no presente do indicativo, como “preciso”, “quero”, “estou” e “posso”, indicando certezas, e vocábulos frequentes no sistema capitalista, como “dinheiro”, “negócio”, “patrões” e “banco”.

Grosso modo, de acordo com a lógica do capitalismo, é necessário ter muito dinheiro para conseguir alguma coisa ou ser alguém na vida, visto que é a “solução para todos os problemas”, a segurança para a condição humana. Cansado da rotina como empregado, o sujeito lírico intenciona abrir o próprio negócio, mas precisa de dinheiro para que isso se concretize. Dessa forma, recorre a uma agência bancária na esperança de conseguir um empréstimo para obter a tão sonhada independência e estabilidade financeira, como explícito nos versos “Olhe, preciso de dinheiro. / Preciso de muito dinheiro. / Quero abrir um negócio. / Algo meu, sabe como é. / Estou farto de patrões. [...]”. O banco, como financiador, exige a comprovação de crédito e um determinado valor como entrada. O sujeito lírico, no entanto, que não possui bens materiais significativos para dar em troca, coloca o próprio corpo na negociação, transformando-o em mercadoria. Enaltece, assim, as qualidades do fígado e chega à conclusão de que, como entrada, “*Só se for o coração*”. É, portanto, capaz de morrer por dinheiro.

Sobre um cotidiano fragmentado e melancólico, no qual predomina a ausência e a sensação de mal-estar e incompletude, nos fala Manuel de Freitas. Passemos, então, à Lisboa de Manuel de Freitas, evidenciada em um discurso distópico também profundamente relacionado ao seu tempo histórico, construído através de “uma subjetividade radical que não consegue abrir mão de sua existência” (2008, p. 129).

VGM

para o Tomás Oliveira Marques

Não gostaria de parecer nostálgico, mas houve um tempo em que Lisboa me aliciava sobretudo pelas livrarias, cafés e lojas de discos que permitiam o luxo de adiar a morte. Tudo isso se perdeu, obviamente. Lembro-me das tardes inteiras que passava a ouvir discos na *Ananana*, na *Contraverso* ou na *VGM*, tacteando capas e descobrindo nomes como os de Lars Hollmer, Diamanda Galás, Evan Lurie ou Morton Feldman. Só por isso valia a pena vir até Lisboa, e parar entretanto num café ou numa taberna para antegozar os discos que comprara.

A *VGM* terá sido, dos exemplos citados, aquele que mais fidelidade me exigiu. Comecei a frequentá-la ainda no Príncipe Real, e aí fiz a lenta mas necessária transição de Cocteau Twins a John Adams ou Steve Reich e destes, por fim, a Bach ou Zelenka. Tornei-me, com o passar dos anos, um homem barroco, mais permeável à tristeza de alaúdes, cravos e teorbas do que ao ruído lírico ou industrial que me acompanhara o fim da adolescência. A culpa é de Bach, não duvido, mas também do Thomás.

Ele soube tirar-me o retrato; perceber que com-Tratenor ou *Stabat Mater* melhor se adequavam ao meu gosto musical, e conseguiu – honra lhe seja feita – converter-me a alguns dos momentos cimeiros da polifonia renascentista. E era como estar num café, entre contínuos deslumbramentos e cigarros, mesmo após a passagem para a Rua Viriato.

Foi por mero acaso que hoje lá passei, e vi a porta aberta de mais uma loja fechada. Trouxe comigo alguns discos em saldo e a firme certeza de que Lisboa é hoje um deserto rudemente povoado por quase ninguém.

(FREITAS, 2019, p. 52-53)

O poema acima evidencia três características recorrentes nas produções de Manuel de Freitas: o título com nome de um lugar citadino, o endereçamento e a forte narratividade. *VGM* apresenta em sua composição a proeminência de verbos no pretérito perfeito – “houve”, “perdeu”, “exigiu”, “comecei”, “passei”, “trouxe” – e imperfeito – “permitiam”, “passava”, “valia” – do modo indicativo, manifestando fatos que ocorreram ou que aconteciam com certa habitualidade. Em consonância, exibe expressões como “houve um tempo”, “tudo isso se perdeu”, “lenta mas necessária transição” e “com o passar dos anos”, que atribuem aspectos narrativos à construção e evidenciam tanto a passagem do tempo quanto as mudanças provocadas na cidade e na vida do sujeito lírico.

Na Rua Viriato nº 12 localizava-se a VGM, uma loja de discos de vinis que, em conjunto com a Ananana e a Contraverso, assim como os cafés e livrarias, motivavam a ida do sujeito lírico ao centro de Lisboa. Foi na VGM, desde a sede no bairro Príncipe Real, que o sujeito lírico conheceu novos estilos e amadureceu o seu gosto musical, tendo iniciado com o rock, passado pelo folk e terminado nos clássicos, como explícito nos versos “[...] aí fiz a len- / ta mas necessária transição de Cocteau Twins a / John Adams ou Steve Reich e destes, por fim, a / Bach ou Zelenka”. Atualmente, em pé e de frente para o local carregado de lembranças, observa o estabelecimento encerrar, por definitivo, as atividades. Limitando-se a entrar e comprar “alguns discos em saldo”, constata, amargamente, que “Lisboa é hoje um deserto rudemente povoado por quase ninguém”.

Em outro poema:

LARGO TRINDADE COELHO

para o Emanuel Jorge Botelho

Não é uma hipóbole, muito menos uma metáfora. O mundo seria quase habitável se houvesse mais pessoas com a dignidade da senhora que guarda e limpa as retretes públicas do Largo Trindade Coelho. A proximidade com a instituição homónima rebaptizou essa praça, para taxistas e não só, como Largo da Misericórdia. Passei ali muitas horas, entre bares e alfarrabistas (já para não falar da pensão *Estrela d'Ouro*). Foi também o único lugar do mundo onde me cruzei com Gustav Leonhardt.

E desci vezes sem conta até aqueles luminosos

subterrâneos, onde o cheiro a limpeza convive com plantas discretas e viçosas. À saída, deixo vinte ou trinta cêntimos no cesto diminuto, pousado junto à cadeira. E prometemo-nos saúde, felicidade, sabendo-os frágeis anseios – ou comentamos o tempo, sempre mais frio ou mais quente do que desejaríamos. Mas até essa branda melancolia se vê rematada por um sorriso, enquanto subo de novo ao mundo e finjo acreditar (tal como a senhora, a quem nunca perguntei o nome) que desempenho nele uma qualquer função.

(FREITAS, 2019, p. 52-53)

No poema acima é citado o Largo Trindade Coelho, uma importante praça de Lisboa, onde está localizada a Santa Casa da Misericórdia, instituição católica sem fins lucrativos que auxilia recém-nascidos abandonados e pessoas enfermas e/ou idosas. Caminhando pela cidade, o sujeito lírico destaca um espaço público desconsiderado por muitos: as retretes (os banheiros). É justamente nesse lugar modesto, comumente desprezado e ignorado, que ele ainda consegue estabelecer uma relação afetiva, como explícito nos versos “[...] O mundo seria quase habitável se houvesse / mais pessoas com a dignidade da senhora que / guarda e limpa as retretes públicas do Largo Trin- / dade Coelho. [...]”. Assim como nos poemas anteriores, destaca-se que, em decorrência do automatismo presente na sociedade contemporânea, as pessoas estão priorizando, cada vez mais, relações mecânicas, propagando a indiferença e a solidão. Encontrar um lugar na cidade em que ainda é possível relacionar-se afetivamente faz com que o sujeito lírico continue a acreditar que desempenha uma função no mundo.

Por último, mas não menos importante, temos Pedro Mexia, que também transporta, metonimicamente, Lisboa para seus poemas. De modo semelhante aos dois poetas anteriores, a Lisboa, cidade literária de Pedro Mexia, é uma cartografia dinâmica, que apresenta, ao mesmo tempo, a cidade do estrangeiro e a cidade do poeta, a cidade turística e a cidade cotidiana, com uma realidade humana e social. A respeito dessa cidade múltipla, do eu e do outro, Pedro Mexia nos fala no poema a seguir:

LISBOA, CERCA MOURA

É verão e o branco de Lisboa não se cansa
da brancura, o céu de um azul
pálido e constante, na sombra da esplanada.
os pedreiros falam alto, num português bruto,
os estrangeiros, que nunca leram Cesário,
louvam o encanto da lota, as raparigas passam,

melhores que qualquer cidade,
enquanto o vento tempera o calor

lembrando que existe um rio.
Mas a sombra é um parêntesis, a brancura
um parêntesis, o próprio vento e as raparigas
uma suspensão no quotidiano
que teima em desintegrar-se,
em resistir à superfície da escrita.
Nesta cidade que tranquilamente
se deixa ficar nas colinas, quem sabe
se à espera, quem pode saber.

(MEXIA, 2003, p. 93)

Pedro Mexia também manifesta preferência por nomear, explicitamente, a cidade de Lisboa em títulos dos poemas presentes no livro *ELIOT E OUTRAS OBSERVAÇÕES*. Em *LISBOA, CERCA MOURA*, percebemos a alusão aos vestígios da estrutura defensiva que, na época medieval, protegeu a cidade de Lisboa. A presença da vírgula, no título do poema, separando o substantivo “Lisboa” do substantivo com um determinante “cerca moura” evidencia a existência de uma Lisboa fragmentada, assim como o monumento nacional. O sujeito lírico, que está percorrendo a cidade e observando o movimento frenético da alta temporada de turismo, o que é evidenciado pela expressão “é verão” e pelo tempo e modo verbal utilizado em “os pedreiros falam alto” e “as raparigas passam”, afirma, especificamente no quinto e sexto verso do poema, que “os estrangeiros, que nunca leram Cesário, louvam o encanto da lota”. Sabemos que Cesário Verde, poeta de inquestionável expressão literária, demonstrava em seus poemas uma sensibilidade para com a realidade cotidiana. Em *O SENTIMENTO DUM OCIDENTAL*, por exemplo, recompôs a Lisboa do seu tempo, marcada por transformações que alteraram o ambiente e o comportamento dos indivíduos. Ao evocar essa voz portuguesa, o sujeito lírico de Pedro Mexia indica a existência de uma Lisboa Turística, agradável ao olhar do estrangeiro, e uma Lisboa cotidiana, desagradável ao olhar, quando atento, do habitante. O sujeito lírico parece compartilhar com Cesário Verde os descontentamentos com a “cidade que tranquilamente se deixa ficar nas colinas”

Os livros de Golgona Anghel, Manuel de Freitas e Pedro Mexia apresentam, como tentamos, brevemente, evidenciar, poemas urbanos que expõem e refletem contradições, problemas e tensões contemporâneas, com sujeitos líricos, em diferentes situações diárias, que defrontam-se com a barbárie física e/ou mental que se tornou comum a muitos. São poéticas atentas à vida em Lisboa e às tensões econômicas, existenciais, políticas e sociais que determinam os discursos e os ritmos na cidade portuguesa – e, por extensão, nas grandes

idades ocidentais do século XXI. Os olhares críticos, irônicos e, por vezes, até mesmo sarcásticos, problematizam, em discursos distópicos, o espaço e o tempo contemporâneos, refletindo sobre uma sociedade marcada excessivamente pelo consumismo, imediatismo e individualismo. Os poemas dessas três vozes portuguesas são discutidos como uma forma de resistência à massificação e à desvalorização da vida de cada um imerso em cidades cada vez mais desintegradas e desumanizadas por atos e ideias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ida. Conflitos de Opinião na Poesia Portuguesa: o esterco lírico e o grito do anjo. In: PEDROSA, Celia e ALVES, Ida. (Org). *Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 118-132.

ANGHEL, Golgona. *Vim porque me pagavam*. Lisboa: Mariposa Azul, 2011.

_____. *Como uma flor de plástico na montra de um talho*. Porto: Assírio & Alvim, 2013.

CARDOSO, A. C. de A. Distopia. In: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil e SASSE, Pedro Puro. (Org). *(Novas) palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Edições Makunaíma, 2021. p. 104-141.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

COLLOT, MICHEL. *Poética e filosofia da paisagem*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

_____. *Matéria-emoção*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2018.

FREITAS, Manuel de. *Ubi sunt*. Juiz de Fora: Macondo, 2019.

MAGALHÃES, Joaquim Manuel. *Os dois crepúsculos. Sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas*. Portugal: A Regra do Jogo, 1981.

MARTELO, Rosa Maria. Alegoria e autenticidade (a propósito de alguma poesia portuguesa recente). In: PEDROSA, C.; ALVES, I. (org.). *Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 291-303.

MEXIA, Pedro. *Eliot e outras observações*. Algés: Gótica, 2003.

MOISES, Massaud. A poesia do cotidiano, Cesário Verde. In: _____. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2006.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Paisagens urbanas*. São Paulo: Senac, 2004.

VERDE, Cesário. *O sentimento dum ocidental*. Disponível em:
<http://users.isr.ist.utl.pt/~cfb/VdS/v039.txt>. Acesso em: 30 nov. 2023.